

Vera Mantero/Rui Chafes

Uma misteriosa criatura

Comer o Coração é o título da intervenção artística que promove o feliz encontro entre a coreógrafa e intérprete Vera Mantero e o escultor Rui Chafes, na representação portuguesa oficial na Bienal de São Paulo, que decorre até 19 de Dezembro naquela cidade brasileira. É no *Território Livre*, que dá tema à edição deste ano, que dois autores inventaram um estranho mundo comum, habitado por uma criatura de pele desenhada, uma nova textura orgânica, que ameaça a queda a partir das entranhas de uma maior criatura de ferro que, ao mesmo tempo que a acolhe e a ampara, a faz oscilar em direção ao desequilíbrio.

■ CLÁUDIA GALHÓS

Desta vez, Vera Mantero, 38 anos, quase voa, ao largar o chão, mas reafirma a sua postura na arte que rejeita a dança clássica (ou mesmo a dança como qualquer outra categoria) e a atitude do bailarino que pretende desafiar a gravidade para se elevar aos céus e executar um movimento belo mas vazio de sentido. Juntamente com o escultor Rui Chafes, dá corpo a um ser que carrega uma multiplicidade de sentidos para a localização do ser numa posição elevada, muito acima do chão. O seu corpo situa-se em estado de vulnerabilidade e instabilidade numa imensa estrutura de ferro, simultaneamente imponente, aparentemente industrial, ao mesmo tempo frágil e orgânica, quase animal. O que aqui descrevo não decorre do visionamento da peça ao vivo mas das fotografias do catálogo da representação



se pelo chão, sentiu-se desmoronar, assumindo a impossibilidade de fingir um 'rebolar alegremente sobre um vazio interior' (como mais tarde, em 2000, havia de dar título a uma peça criada para o repertório do Ballet Gulbenkian) e prendeu-se mesmo à terra numa construção de perplexidade 'atroz' com a evocação da memória de Josephine Baker, em *uma misteriosa Coisa disse o e.e.cummings*, em 1996 ou quando o mundo que anunciava era aquele que sempre habitámos, de *Poesia e Selvajaria* (1998).

Já nessa primeira fase, finais da década de 80, se o vazio interior era evocado era no sentido de um peso, de um questionamento, de uma procura, que podia ser por ela facilmente traduzida na poesia de um gesto, porque para Vera Mantero basta-lhe um gesto para a poesia nascer. Mas este chão está também presente nas fotografias do catálogo, com o corpo totalmente entregue à transformação, na metamorfose em que deixa de ser ela mesma e passa a ser uma criatura, talvez uma 'misteriosa coisa' que, em breve, se vai suspender no alto de uma torre-animal, de imensas pernas estreitas, que a acolhe mas que permanentemente a deixa em ameaça de queda. A criatura nasce no chão, e as fotos testemunham isso mesmo. O corpo pintado

ganha uma nova textura. E por isso, esta história poderia começar de uma outra maneira. Poderia começar como uma história de amor. Em que falávamos de pele. Das várias camadas de pele que um corpo pode ter. E começámos com a evocação do filme *Livro de Cabeceira* de Peter Greenaway.

A palavra é talvez um dos materiais que os dois artistas partilham, mesmo que não esteja sempre literalmente presente. Da mesma forma que a voz de Vera Mantero é corpo que tem utilizado das mais diversas formas e que tem o potencial de projectar a vivência desta criatura para alturas ainda mais distantes do que os 7 metros a que ficará a coreógrafa e intérprete do chão. As camadas de pele são várias, começa pelos limites porosos da artista que afirma a sua presença física e ganham uma nova identidade no interior da estrutura de Chafes. Vista como um todo, Vera, a criatura, é mais do que o seu corpo que habita uma escultura. A criatura é o todo do corpo e daquele estranho outro corpo que, em conjunto, parece um organismo estático que transporta no seu útero um estranho ser, simultaneamente belo e enigmático. Mas agora Vera está longe do chão. Quase que, por ironia, poderia cumprir o destino do bailarino que deseja elevar-se para além de todas as alturas. Mas mesmo aqui, este estar despegado do chão, por todo o contexto, prolonga a coerência da sua existência artística, porque lá em cima, anuncia muitas impossibilidades, anuncia a sua fragilidade e, mais ainda, denuncia a sua solidão. Podemos, desde já, imaginar que vai estar rodeada de muitos olhares dirigidos a ela, como quem olha para o céu. Então, podemos imaginar a solidão que se sente por entre a multidão. Não apenas porque está ali sozinha, mas porque esse estar sozinha é sublinhado por um lugar vazio. Porque a configuração exterior que acolhe a Vera criatura, a escultura de Rui Chafes, é constituída de uma dupla face, uma espécie de torre dupla daquela onde se encontra a artista. Este

ainda Alexandre Melo. E este movimento de elevação inscreve esta obra numa «das tendências mais marcantes do trabalho recente de Rui Chafes», centrado na «evocação dos lugares do corpo e na exploração dos limites orgânicos».

Desta vez, Vera Mantero, 38 anos, quase voa, ao largar o chão, mas reafirma a sua postura na arte que rejeita a dança clássica (ou mesmo a dança como qualquer outra categoria) e a atitude do bailarino que pretende desafiar a gravidade para se elevar aos céus e executar um movimento belo mas vazio de sentido. Juntamente com o escultor Rui Chafes, dá corpo a um ser que carrega uma multiplicidade de sentidos para a localização do ser numa posição elevada, muito acima do chão. O seu corpo situa-se em estado de vulnerabilidade e instabilidade numa imensa estrutura de ferro, simultaneamente imponente, aparentemente industrial, ao mesmo tempo frágil e orgânica, quase animal. O que aqui descrevo não decorre do visionamento da peça ao vivo mas das fotografias do catálogo da representação portuguesa na Bienal de São Paulo, que sob o comissariado de Alexandre Melo promoveu o feliz encontro de duas linguagens artísticas e duas identidades criadoras de criaturas que, nas suas diferenças, souberam comunicar na partilha de um discurso de interrogação, pensamento e impossibilidade, em que a existência humana se questiona, se debate com uma simbologia que é poesia no corpo e no ferro, é palavra, é voz, é matéria. E, sendo tudo isto, tudo isto é corpo.

Esta história podia começar pelo chão. Refiro-me à história da coreógrafa Vera Mantero, vista a partir desta participação na Bienal de São Paulo, imaginando-a performativa num cenário de luxo (pelas condições e pelo enquadramento e não pela aparência das formas ou da proposta), produzido para um contexto expositivo, em que as novas linguagens artísticas dão preferência ao vídeo e à instalação e que aqui assumem o cariz, não tanto inovador, mas sublime na perturbação enriquecedora do encontro, de coabitação ou instalação recíproca do universo identitário de Vera Mantero no universo identitário de Rui Chafes. A história podia começar pelo chão. Como Vera Mantero rejeitou o vazio estéril do belo da dança clássica e o transgrediu, o problematizou, o desmontou desde o início, procurando um caminho próprio, desde logo em peças cujos títulos enunciavam uma assumida inquietação (como «Ponto de Interrogação», em 1987).

Não queria moldar o seu corpo aos estereótipos das bailarinas, nem desafiar a gravidade numa elevação que surpreende o olhar por uma aparência de leveza que a vida, na verdade, não tem. O seu corpo ficou-



FOTOS DE LAURA CASTRO CALDAS

Coreografia de Vera Mantero, a partir da escultura de Rui Chafes

A poética da ausência

Não se trata de um encontro fortuito, embora eles sejam frequentes entre as artes plásticas e performativas. Talvez se possa dizer que se trata de um sublime encontro, de uma quadratura do círculo entre duas personalidades artísticas. De um lado, «a criação de lugares de evocação de corpos ausentes ou expressões da impossibilidade de tornar o corpo presente», e do outro, «a dificuldade da presença do corpo, evocada através da vulnerabilidade física e da indeterminação do sentido dos seus movimentos», como escreve Alexandre Melo no catálogo da representação portuguesa oficial na Bienal de São Paulo, da qual é comissário. «A identificação dos pontos de coincidência ou complementaridade entre os dois artistas, ambos com uma marca pessoal bem vincada, e a aceitação do desafio que lhes foi proposto para juntos criarem uma obra destinada a uma circunstância especial» são, assim, os pontos de partida desta colaboração.

Em *Comer o Coração*, Rui Chafes criou uma estrutura de dois pólos simétricos (que tornar-se-ão assimétricos com a coreografia de Vera Mantero), encimadas por duas esferas de ferro pintado a negro, de onde pendem dois assentos. Os dois globos são sustentados por «três grandes pernas tubulares, oblíquas em relação ao chão», como refere

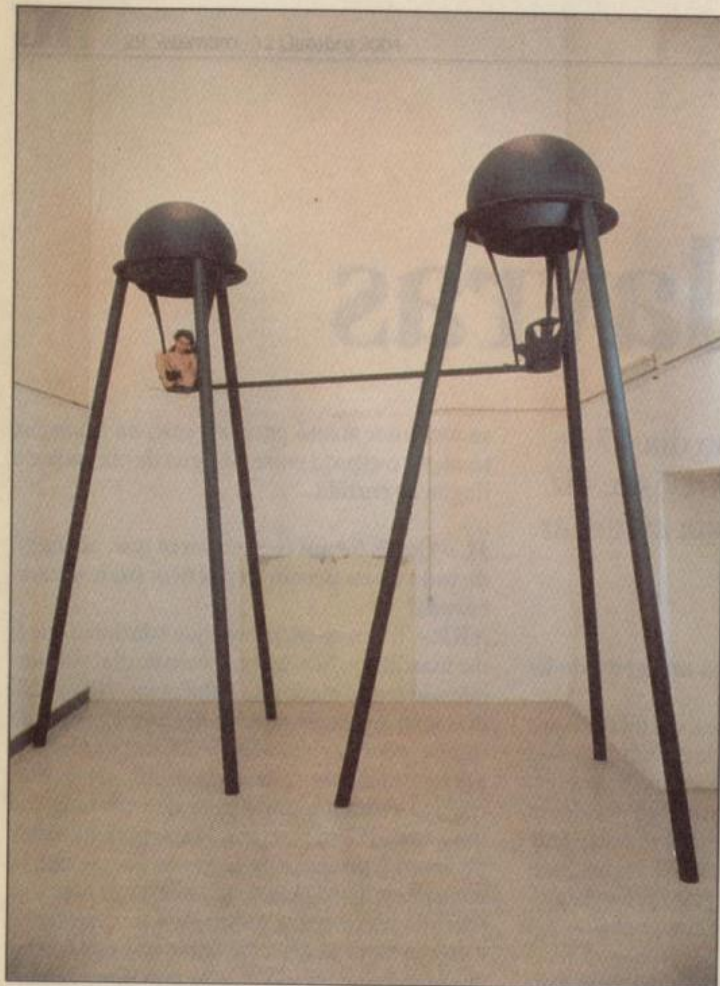
o catálogo. Basta-lhe um gesto para a poesia nascer. Mas este chão está também presente nas fotografias do catálogo, com o corpo totalmente entregue à transformação, na metamorfose em que deixa de ser ela mesma e passa a ser uma criatura, talvez uma 'misteriosa coisa' que, em breve, se vai suspender no alto de uma torre-animal, de imensas pernas estreitas, que a acolhe mas que permanentemente a deixa em ameaça de queda. A criatura nasce no chão, e as fotos testemunham isso mesmo. O corpo pintado

corpo que, em conjunto, parece um organismo estático que transporta no seu útero um estranho ser, simultaneamente belo e enigmático. Mas agora Vera está longe do chão. Quase que, por ironia, poderia cumprir o destino do bailarino que deseja elevar-se para além de todas as alturas. Mas mesmo aqui, este estar despegado do chão, por todo o contexto, prolonga a coerência da sua existência artística, porque lá em cima, anuncia muitas impossibilidades, anuncia a sua fragilidade e, mais ainda, denuncia a sua solidão. Podemos, desde já, imaginar que vai estar rodeada de muitos olhares dirigidos a ela, como quem olha para o céu. Então, podemos imaginar a solidão que se sente por entre a multidão. Não apenas porque está ali sozinha, mas porque esse estar sozinha é sublinhado por um lugar vazio. Porque a configuração exterior que acolhe a Vera criatura, a escultura de Rui Chafes, é constituída de uma dupla face, uma espécie de torre dupla daquela onde se encontra a artista. Este

ainda Alexandre Melo. E este movimento de elevação inscreve esta obra numa «das tendências mais marcantes do trabalho recente de Rui Chafes», centrado na «evocação dos lugares do corpo e na exploração dos limites orgânicos».

Rui Chafes nasceu em Lisboa, em 1966, e fez a sua primeira exposição nos anos 80, não passando despercebido pela crítica, que o considerou, poucos anos mais tarde, depois de ter regressado de Dusseldorf, em 1992, onde frequentou a Kunstakademie, um dos nomes mais importantes da escultura portuguesa contemporânea. Começou, contudo, pela escrita, traduzindo fragmentos de *Os Hinos à Noite*, de Novalis, para depois passar pelo desenho, em colaborações com os poetas João Miguel Fernandes Jorge e Nuno Júdice, pela madeira, o plástico e a pedra. Em 1988, começa a trabalhar em ferro pintado a negro, que se tornará o seu suporte de eleição. A participação na Bienal de Veneza, em 1995, as três exposições simultâneas para o Sintra Museu de Arte Moderna – Coleção Berardo e a recente mostra na Dinamarca (nas esquecendo as apresentações em Espanha, França, Bélgica, Japão, Estados Unidos e Inglaterra, entre outras) são alguns dos pontos altos de uma carreira de ampla projecção internacional. Já este ano, recebeu o Prémio de Escultura Robert-Jacobsen, atribuído pela Siftung Wurth, na Alemanha.

«Todo o meu trabalho é uma catedral vazia», descreveu Rui Chafes em entrevista ao *JL* (n.º 784, de 18 de Outubro de 2000). Nesse edifício feito de «espaço», Rui Chafes tem procurado uma certa redenção, pois «a função da Arte é ser o único contraponto possível à absurda crueldade do mundo». Não lhe interessa, por isso, uma arte de comunicação de massas, mas «aquela que faz despoletar determinadas forças em algumas pessoas». Num mundo cada vez mais «escorregadio e translúcido», os seus objectos artísticos são «pontos de paragem», «formas baças, foscas, ásperas, que não escorregam neste mundo analógico». Escultor de referências clássicas e influenciado pelo romantismo alemão, Chafes tem eleito a reflexão sobre o lugar da escultura como principal tópico da sua produção artística, sendo o sonho, a morte, a manhã, o silêncio, a aura ou a alma os conceitos através dos quais busca, segundo Alexandre Melo: «A tensão entre a clausura absoluta e o movimento infinito. O lugar onde o corpo é como que virado do avesso, para ser obrigado a revelar a sua face interior. O tempo em que não havia ninguém».



lugar vazio sugere a possibilidade de aquele espaço interior e altivo poder ser partilhado por uma outra criatura, da mesma natureza da de Vera, mas esse lugar de acolhimento está vazio e, mais uma vez, evoca-se a ausência, o silêncio, o desaparecimento, o esvaziamento, a imobilidade, a inexistência. O potencial de sugestão deste feliz encontro é imenso. É Kafka, é Greenaway, é Laurie Anderson, é Beckett, é Deleuze e, arrisco, talvez seja um pouco, em alguns momentos, Caetano Veloso... Vera Mantero reafirma

que o lugar do corpo é junto ao pensamento e que um define sem o outro e o lugar do seu corpo (físico, vocal, mental, emocional) está muito para além do palco ou mesmo da galeria, por muito que entendamos qualquer destes universos como espaços em aberto e sem catalogações castradoras. Por agora, o seu corpo é uma criatura que habita uma escultura de Rui Chafes na Bienal de São Paulo. ●



Rui Chafes e Vera Mantero nos ensaios de Comer o Coração

Um filme esculpido

Durante o fim, é o filme de João Trabulo sobre a obra de Rui Chafes que passa amanhã, 30, às 21 e30 no grande auditório da Culturgest, em Lisboa. Depois do visionamento haverá um debate entre o realizador, o escultor e o poeta e ensaísta João Miguel Fernandes Jorge. João Trabulo falou ao JL sobre «os três anos de viagens» que fizeram este filme. João e Rui conheceram-se num jantar, ficaram perto um do outro, conversaram, tornaram-se próximos, mas quando o realizador lhe falou da ideia do filme «o entusiasmo não foi brilhante». Depois o tempo passou, «voltaram a conversar sobre as coisas importantes: a vida, a morte, o amor, a paixão, a fé, a arte». E chegaram a um acordo, iriam «partilhar sem pressas as suas experiências, inquietações e confrontar os seus universos íntimos e estéticos para daí retirarem algum benefício espiritual para ambos».

Durante o fim, nasce deste desejo. João Trabulo quis que o filme reflectisse Rui Chafes, mostrando «um pouco o que é como pessoa e como artista, o seu lado ético e rigoroso». Assim optou por acompanhar a criação de uma peça do princípio até ao fim, sendo que no processo de filmagem «tudo foi consensual, pois tinha que fazer sentido entre os dois». Não se trata por isso de um «documentário tipo», mas antes de «um lento abrir de portas» sobre a obra «de uma personalidade rara no panorama da arte actual». O filme já foi exibido em diversos festivais de cinema, como o de Turim, o Luso-Brasileiro, de Santa Maria da Feira, o Festival Internacional du Film Sur L'Art, de Montreal, e o Independent Film Festival, de Nova Iorque, onde foi bem recebido. «Para que não fique no gueto das artes plásticas», João Trabulo tem esperança que o filme, uma vez que a RTP é uma das entidades que patrocinou o projecto, passe na televisão. E nós também.